SARTRE E FOUCALT

A MICROFÍSICA DO PODER

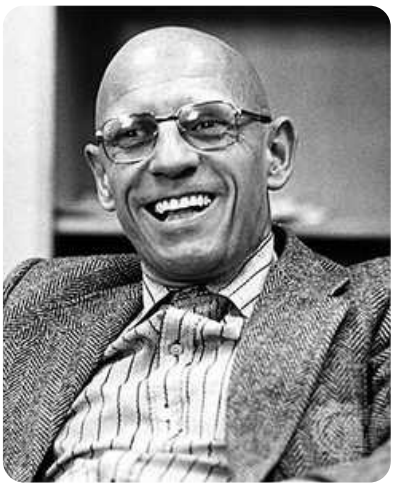
Filho de uma família de alto poder aquisitivo de Paris, Michel Foucault (1926 – 1984) teve dentro de sua família muitos problemas de relacionamento, muito por conta do seu entendimento político e de sua sexualidade. Seu contexto familiar influenciou sua obra, gerando um autor combativo e que tratou de muitas temáticas sociais.

Um dos seus principais temas é o "Poder", entendimento de como as esferas de relacionamento comportam-se na sociedade. **O poder para Foucault não é algo que se possui, mas é algo que se exerce**, não estando controlado e contido permanentemente nas mãos de alguém, precisando ser reposto, retomado e mantido constantemente. O poder não está localizado em uma instituição, no Estado ou em qualquer esfera social, o poder não pode ser "tomado".

Discorda de uma visão clássica que o poder pode ser cedido ao governo, governante ou soberano. No entendimento de Foucault, o poder constitui-se com uma **constante relação de forças**: está em todos os lugares, em todas as relações, é estabelecido por relações de verdade e saber constantes.

PODER E CONTROLE

Foucault vai alocar em sua obra que esses poderes são estabelecidos desde o nascimento, em busca da formação de uma **sociedade disciplinar** na qual o controle é exercido constantemente sobre e para os indivíduos. Busca-se o controle de gestos, saberes e todo formato de comportamento. Uma sociedade disciplinada é **dócil** e atende aos mais variados interesses de controle e domínio. Vale ressaltar que, por mais que ocorram essas relações constantes, nunca está estabelecido, sempre é um processo.



https://upload.wikimedia.org/wikipedia/pt/5/52/Foucault5.jpg

No livro *Vigiar e Punir*, Foucault estabelece as formas de poder e punição estabelecidas ao longo da história humana, com foco no sistema prisional estabelecido e instituído. Foucault aborda que os **micropoderes** são estabelecidos nas mais variadas instituições sociais: escolas, prisões, manicômios.

Os micropoderes geram uma experiência social de **docialização dos corpos** humanos, formando e estabelecendo uma sociedade disciplinar e de controle. Nos dias atuais podemos fazer uma analogia com as câmeras, filmadoras e redes sociais que aumentam a sensação de controle e vigilância.

O modelo prisional do **Panóptico** desenvolvido por Jeremy Bentham em 1785 é utilizado por Foucault, buscando exemplificar

o ideal de **vigilância**, disciplina e controle dos corpos. O controle não precisa ser ideológico ou econômico, pode ser desenvolvido de formas e maneiras mais sutis. O panóptico seria funcional por gerar observação constante, de todos os locais e ambientes, reforçando a sensação constante de controle, poder e vigilância.

SARTE: A EXISTÊNCIA E A ESSÊNCIA

https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/e/ef/Sartre_1967_crop.jpg/600px-Sartre_1967_crop.jpg

Jean-Paul Sartre (1905 – 1980) vai estabelecer uma das principais correntes de pensamento do século XX, o Existencialismo. Postulando que no caso dos seres humanos, não possuímos uma essência definida e pré-determinada, que nossa existência em vida formula e estrutura quem somos, fica conhecido pela famosa frase **"a existência precede a essência".**

O autor francês acreditava na necessidade do engajamento intelectual em pautas sociais, tendo ao longo de sua vida estado presente em diversas demandas de grupos da sociedade. Teve um longo relacionamento com a também pensadora Existencialista e ativista feminista, Simone de Beauvoir.

Na visão de Sartre, **o indivíduo é formulado pelos seus atos**, por aquilo que realiza, por suas práticas. A existência define o que o homem faz de si, **suas atitudes formulam seu ser**, não tendo uma essência condicionada, que pudesse gerar uma instrumentalização prévia.

O homem seria um projeto, sendo pautado por aquilo que realiza e acomete a si mesmo, uma desvinculação de outros saberes filosóficos, que denotavam ao indivíduo uma essência definida e realizada. A Filosofia clássica e moderna em muitos momentos estabelece ao homem um papel a ser apresentado dentro da sua existência.

Existência e Angústia

"Somos condenados a ser livres". A afirmação de Sartre estabelece uma visão acerca da existência, em que somos culpados por aquilo que realizamos, gerando uma culpa por nossos atos. A **liberdade** é uma condenação, seria um estágio de **"má-fé"** culpabilizar os outros por acontecimentos que acometem minha vida.

Viver é um constante equilíbrio entre aquilo que escolho e as consequências estabelecidas para tal, aceitando minha culpa em relação a elas. A liberdade de escolha é dominada por uma **angústia**, que remonta sua percepção acerca de si. Aqueles que não aceitam a angústia, optam pela má-fé, tirando de si a culpa por suas próprias realizações, recorrendo a instrumentos exteriores.

Simone de Beauvoir e Sartre. Pequim, 1955.

https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/c/ce/Simone_de_Beauvoir_%26_Jean-Paul_Sartre_in_Beijing_1955.jpg/512px-Simone_de_Beauvoir_%26_Jean-Paul_Sartre_in_Beijing_1955.jpg

TEXTO COMPLEMENTAR

"O existencialista declara com frequência que o homem é angústia e essa afirmação representa o seguinte: ele se engaja e dá conta não apenas do que escolheu ser, mas também legisla sobre si mesmo e sobre toda a humanidade. Esse tipo de angústia descrita pelo existencialismo se explica também por uma responsabilidade direta para com os outros homens engajados na escolha. (...)

Ao afirmarmos que o homem escolhe a si mesmo, dizemos que cada um de nós, escolhe a todos os homens. (...) Escolher ser isto ou aquilo é afirmar, simultaneamente, o valor do que estamos escolhendo, porque não podemos nunca escolher o mal, o que escolhemos é sempre o bem e nada pode ser bom para nós sem ser para todos."

(*Sartre, Jean-Paul – O Existencialismo é humanismo)*